

ÁREA TEMÁTICA: Empreendedorismo e Startups

**CONTABILIDADE DE CUSTOS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PRECIFICAÇÃO
COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO FEMININO**



Resumo

Este artigo analisa a precificação no artesanato de renda labirinto, considerando os princípios da contabilidade de custos, formação de preços e sustentabilidade financeira de pequenos empreendimentos. O estudo foi realizado junto a rendeiras do Projeto Render-CE, por meio de uma oficina prática vinculada ao Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal (NAF) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), evidenciando a importância da educação contábil aplicada em contextos de economia criativa e solidária. A pesquisa teve como objetivo principal investigar as práticas de custos e precificação adotadas pelas artesãs, identificando desafios e propondo soluções técnicas viáveis. A abordagem metodológica é de natureza qualitativa e descritiva, com suporte da análise técnica de dados empíricos e da literatura especializada em contabilidade gerencial. A partir da simulação de custos de um pano de bandeja artesanal, observou-se que o principal componente do custo é a mão de obra, com cerca de 30 horas de produção por peça, o que justifica a necessidade de um preço de venda que valorize o tempo e o saber-fazer tradicional. A aplicação do custeio direto, da alocação proporcional de despesas fixas e da margem de lucro possibilitou a definição de um preço justo e sustentável. Os resultados revelam que a formação de preço adequada contribui para o empoderamento feminino, a valorização cultural e o fortalecimento da autonomia financeira das artesãs. A experiência extensionista também fortaleceu o papel da universidade na promoção do desenvolvimento local e da inclusão produtiva, gerando impactos sociais e formativos relevantes.

Palavras-chave: Precificação artesanal; Custos diretos e indiretos; Valorização do trabalho manual; Sustentabilidade econômica; Produção artesanal feminina.

Abstract

This article analyzes pricing in the labyrinth lace industry, considering the principles of cost accounting, price formation, and the financial sustainability of small businesses. The study was conducted with lacemakers from the Render-CE Project, through a hands-on workshop linked to the Accounting and Tax Support Center (NAF) of the University of Fortaleza (UNIFOR), highlighting the importance of accounting education applied in creative and solidarity economy contexts. The research's main objective was to investigate the cost and pricing practices adopted by these artisans, identifying challenges and proposing viable technical solutions. The methodological approach is qualitative and descriptive, supported by technical analysis of empirical data and specialized literature on management accounting. Based on a cost simulation of a handmade tray cloth, it was observed that the main cost component is labor, with approximately 30 hours of production per piece, justifying the need for a selling price that values time and traditional know-how. The application of direct costing, proportional allocation of fixed expenses, and profit margins enabled the definition of a fair and sustainable price. The results reveal that appropriate pricing contributes to female empowerment, cultural appreciation, and the strengthening of the financial autonomy of artisans. The extension experience also strengthened the university's role in promoting local development and productive inclusion, generating significant social and educational impacts.

Keywords: Artisan pricing; Direct and indirect costs; Appreciation of manual work; Economic sustainability; Female artisanal production.

1 Introdução

A gestão de custos e a formação de preços são elementos centrais na sustentabilidade de microempreendimentos, especialmente no setor artesanal, onde a informalidade e a ausência de controle financeiro dificultam a valorização dos produtos e a autonomia dos produtores.

No contexto da economia criativa, o artesanato representa não apenas uma atividade econômica, mas também um vetor de preservação cultural e inclusão produtiva, com destaque para o protagonismo feminino. A formação de preços no artesanato exige uma abordagem técnica que considere os custos diretos e indiretos, a margem de contribuição, o ponto de equilíbrio e o valor simbólico do produto (CRC-CE, 2008).

A ausência de ferramentas gerenciais adequadas pode comprometer a viabilidade dos negócios, tornando essencial a atuação de projetos de extensão universitária que promovam capacitação e suporte técnico. Entre as labirintezas do município de Aracati-CE, observou-se que grande parte desconhece os elementos que compõem o custo de produção de suas peças.

Essa limitação dificulta a definição de preços adequados, tornando a atividade vulnerável economicamente, mesmo quando o produto tem forte valor simbólico e cultural. O domínio técnico da estrutura de custos — materiais diretos, mão de obra, despesas indiretas — e dos critérios para formação de preço é fundamental para garantir autonomia financeira.

A ausência dessa prática leva à precificação empírica, frequentemente inferior ao necessário para cobrir os gastos totais da produção, como demonstrado na oficina de precificação realizada em parceria com o NAF/Unifor.

Diante dessa realidade, formula-se o seguinte problema de pesquisa: *Como as rendeiras do Projeto Render-CE podem aprimorar a mensuração de custos e a definição de preços das peças produzidas, à luz de conceitos contábeis e estratégias de precificação aplicadas à realidade artesanal?*

O objetivo geral deste estudo é analisar as práticas de custos e precificação adotadas pelas rendeiras do Projeto Render-CE, identificando fragilidades e propondo estratégias técnicas que contribuam para a formação de preços sustentáveis.

Os objetivos específicos são: investigar os principais desafios enfrentados na composição dos custos e definição de preços; compreender os impactos da ausência de controle financeiro na continuidade dos empreendimentos; e propor medidas que orientem as artesãs na aplicação prática de técnicas contábeis básicas para formação de preços justos e competitivos.

Este artigo toma como referência a simulação de custos aplicada na peça “pano de bandeja 60x60 cm”, apresentada durante a oficina de precificação e analisada com base nos princípios da disciplina Custos e Formação de Preços. A abordagem metodológica envolve análise técnica dos dados coletados, diálogo com autores da contabilidade gerencial e aplicação prática dos conhecimentos no contexto produtivo das artesãs.

A experiência com as rendeiras do Projeto Render-CE exemplifica como a formação técnica pode ser aplicada em contextos reais, contribuindo para o

fortalecimento da economia local e para o empoderamento de grupos tradicionalmente marginalizados.

A experiência com as rendeiras do Projeto Render-CE exemplifica como a formação técnica pode ser aplicada em contextos reais, contribuindo para o fortalecimento da economia local e para o empoderamento de grupos tradicionalmente marginalizados. Mais do que uma ação de capacitação, trata-se de um encontro entre universidade e comunidade, no qual saberes acadêmicos e populares se entrelaçam. A visita in loco dos estudantes à comunidade de artesãs, realizada em Aracati-CE, possibilitou não apenas a coleta de dados, mas também uma vivência humana marcada pela escuta, pelo diálogo e pela valorização da cultura local. Esse contato direto despertou emoções e reflexões que reforçam o caráter transformador da extensão, como já destacado em outras experiências extensionistas do NAF/Unifor, em que o impacto social transcende a técnica e se manifesta em vínculos, pertencimento e esperança.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Gestão de Custos no Artesanato Renda Labirinto

A contabilidade de custos é uma ferramenta essencial para a gestão e precificação dos produtos, especialmente no contexto artesanal, onde o conhecimento técnico contábil é, muitas vezes, limitado. Segundo Padoveze (2020), a contabilidade gerencial, por meio de sistemas de informação, permite o controle dos custos e a análise do desempenho, auxiliando o pequeno produtor na tomada de decisões.

Ainda conforme o autor, “o conhecimento do custo é imprescindível para a formação de preços que assegurem margem de contribuição e sustentabilidade ao negócio” (PADOVEZE, 2020, p. 134). No caso das labirinteadas, esse controle é fundamental para que se reconheça o valor econômico do trabalho artesanal.

Eliseu Martins (2022) destaca a importância da escolha do método de custeio como base para a precificação. Para ele, a correta apropriação dos custos é determinante para a definição de um preço justo e competitivo. O autor reforça que “a formação de preço sem considerar adequadamente os custos diretos e indiretos pode comprometer a sobrevivência do empreendimento” (MARTINS, 2022, p. 99).

Além disso, Martins argumenta que a ausência de controle sistematizado dos gastos com matéria-prima, mão de obra e despesas gerais impede a avaliação precisa do resultado da atividade. Dessa forma, a formação de preço passa a ser feita de maneira empírica, o que pode levar à prática de valores que não cobrem sequer os custos básicos.

Por isso, compreender os métodos de custeio e aplicá-los de forma coerente à realidade produtiva é essencial para garantir a continuidade e a rentabilidade dos negócios artesanais.

Segundo Osni Moura Ribeiro (2021), compreender os elementos do custo — como matéria-prima, mão de obra e custos indiretos de fabricação — é essencial mesmo para os microempreendedores. Para o autor, “a apropriação correta dos custos permite ao produtor artesanal visualizar com clareza seus gastos e estabelecer preços que realmente cubram sua produção” (RIBEIRO, 2021, p. 76).

Além disso, Ribeiro ressalta que o desconhecimento da estrutura de custos pode levar o artesão a praticar preços inferiores ao necessário, comprometendo sua rentabilidade e, por consequência, a continuidade do negócio. Ele enfatiza que a organização e o registro sistemático dos custos contribuem para a formação de uma cultura de gestão, mesmo em empreendimentos menores.

José Carlos Marion (2018) também destaca a importância do controle de estoques para pequenos negócios. Segundo ele, a valorização dos estoques é parte essencial da contabilidade de custos, pois reflete diretamente na apuração dos resultados. O autor afirma que “estoques corretamente avaliados são fundamentais para a fidelidade das demonstrações contábeis e para a gestão eficiente” (MARION, 2018, p. 145).

De acordo com Iudícibus (2021), os custos não devem ser tratados apenas sob o aspecto gerencial, mas também como parte do processo de mensuração patrimonial. O autor afirma que “os custos influenciam diretamente na avaliação dos estoques e, consequentemente, no resultado contábil das empresas” (IUDÍCIBUS, 2021, p. 187), o que se aplica inclusive às atividades de produção artesanal.

Esse entendimento reforça a importância de um controle criterioso dos custos incorridos durante o processo produtivo, mesmo em empreendimentos de menor porte. No contexto do artesanato, a apropriação correta dos custos permite mensurar adequadamente o valor dos estoques, assegurando a fidedignidade das demonstrações contábeis e proporcionando subsídios para a tomada de decisões gerenciais.

Assim, os custos deixam de ser apenas um elemento operacional e passam a compor a base da informação contábil, contribuindo para a transparência, a sustentabilidade econômica e o reconhecimento da atividade produtiva como um verdadeiro empreendimento.

2.2 Precificação como Estratégia de Sustentabilidade Econômica

A precificação é um dos elementos mais estratégicos da gestão financeira, especialmente em empreendimentos artesanais, onde os recursos são limitados e os critérios de formação de preço nem sempre são bem definidos. No contexto das labirinteadas, que atuam frequentemente na informalidade ou como microempreendedoras individuais, o preço praticado impacta diretamente na sustentabilidade econômica do negócio.

Segundo Padoveze (2020), o preço precisa ser calculado de forma a cobrir os custos totais e ainda gerar retorno compatível com os objetivos do empreendedor. Para isso, é essencial considerar a estrutura de custos da atividade, incluindo os fixos e variáveis, bem como definir a margem de lucro adequada.

Ribeiro (2021) complementa que muitos pequenos produtores, por desconhecimento dos seus custos reais, acabam definindo seus preços com base em práticas intuitivas, comparação com concorrentes ou percepção de mercado. Essa abordagem pode comprometer a saúde financeira do negócio, uma vez que o valor cobrado nem sempre cobre os gastos envolvidos na produção.

Nesse sentido, torna-se importante diferenciar o valor percebido pelo cliente — que pode ser afetado por fatores subjetivos como tradição, estética ou exclusividade

— do custo real para produzir a peça. Embora o valor percebido de um produto artesanal possa ser alto, isso não isenta o empreendedor de conhecer exatamente os custos envolvidos para garantir rentabilidade (MARTINS, 2022).

Marion (2018) ressalta que o cálculo do preço de venda deve considerar, além do custo unitário, uma margem de lucro que seja capaz de sustentar o negócio ao longo do tempo. O autor destaca que essa margem não deve ser definida de forma aleatória, mas sim baseada em análises de mercado, metas de lucratividade e riscos do negócio.

De acordo com orientações do SEBRAE (2021), a formação do preço de venda deve levar em conta três pilares fundamentais: os custos totais do produto, o comportamento do mercado e o valor agregado percebido pelo cliente. O equilíbrio entre esses fatores é o que torna possível a prática do chamado preço justo — aquele que é acessível para o consumidor e, ao mesmo tempo, sustentável para o produtor.

Portanto, a precificação, quando baseada em dados contábeis confiáveis e alinhada à realidade produtiva, contribui diretamente para a valorização do trabalho artesanal, evitando prejuízos e promovendo a autonomia financeira das artesãs.

2.3 A Importância do CPC 16 na Avaliação de Estoques

O Pronunciamento Técnico CPC 16 (R1), emitido pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis, trata da mensuração, reconhecimento e apresentação dos estoques. A norma estabelece que os estoques devem ser avaliados pelo menor valor entre o custo e o valor realizável líquido (CFC, 2021).

Segundo o CPC 16, o custo dos estoques deve incluir todos os custos de aquisição, transformação e outros necessários para trazer os estoques à sua condição e localização atuais. Isso inclui, por exemplo, os custos com materiais, insumos, horas de trabalho e despesas indiretas de produção — exatamente os elementos que compõem o cotidiano das labirinteadas.

Além disso, o pronunciamento técnico permite o uso dos métodos de custeio PEPS (primeiro a entrar, primeiro a sair) e custo médio ponderado, excluindo o método UEPS, por não refletir adequadamente o valor atual dos ativos.

Dessa forma, aplicar os princípios do CPC 16 ao artesanato cearense permite às artesãs não só reconhecerem corretamente seus estoques, mas também entenderem os efeitos desses custos na precificação e no resultado final de seus negócios.

A gestão de custos é uma ferramenta essencial para a sustentabilidade de microempreendimentos artesanais. Martins (2022) define custos como os gastos necessários para a produção de bens ou serviços, sendo fundamentais para a formação de preços competitivos e sustentáveis. Padoveze (2020) complementa que a contabilidade gerencial deve fornecer informações estratégicas para a tomada de decisão, especialmente em negócios de base artesanal.

No contexto do artesanato, é necessário considerar custos diretos (matéria-prima, mão de obra) e custos indiretos (energia, transporte, embalagens), além de calcular o ponto de equilíbrio e a margem de contribuição (CRC-CE, 2008). A precificação deve refletir não apenas os custos, mas também o valor simbólico e

cultural do produto, como destaca o Sebrae (2023) ao tratar da gestão financeira no setor artesanal.

Ferramentas como planilhas de precificação, aplicativos especializados e oficinas práticas têm sido recomendadas para auxiliar artesãos na definição de preços justos e lucrativos, considerando o tempo de produção, os insumos utilizados e a margem de lucro desejada.

A dificuldade das rendeiras em mensurar corretamente seus custos e formar preços adequados evidencia a importância da atuação extensionista como estratégia de educação contábil aplicada, promovendo autonomia financeira e sustentabilidade produtiva.

2.4 Economia Criativa, Valorização Cultural e Empreendedorismo Feminino

A economia criativa é definida como o conjunto de atividades que têm como principal insumo a criatividade humana, envolvendo setores como artesanato, moda, design, audiovisual e gastronomia (Howkins, 2013). No Brasil, esse setor emprega mais de 7,8 milhões de pessoas e contribui significativamente para o PIB nacional (Porto Social, 2024).

A valorização cultural é um dos pilares da economia criativa, especialmente quando associada ao empreendedorismo feminino. Mulheres têm encontrado na produção artesanal uma forma de gerar renda, fortalecer sua autoestima e preservar saberes tradicionais, como aponta o estudo da UFRR sobre gênero e economia criativa (Morais et al., 2024).

Segundo o Sebrae (2025), a participação feminina na economia criativa cresce ano após ano, com destaque para setores como moda sustentável, artesanato e produção de conteúdo digital. A atuação das artesãs da renda labirinto exemplifica esse movimento, ao unir tradição, inovação e protagonismo feminino em um contexto de inclusão produtiva e valorização regional.

A integração entre o Projeto Render-CE e o NAF da Unifor representa uma estratégia interdisciplinar de extensão, que une estética, gestão e cidadania em prol do desenvolvimento local sustentável, promovendo a visibilidade cultural e comercial dos produtos artesanais e o suporte técnico e fiscal necessário à formalização dos empreendimentos.

3 Metodologia

A metodologia adotada neste estudo combina aspectos da pesquisa qualitativa e descritiva, buscando compreender em profundidade a realidade produtiva das rendeiras e traduzir esse conhecimento em práticas contábeis aplicáveis. Segundo Vergara (2020), a pesquisa descritiva visa detalhar fenômenos em sua complexidade, o que se alinha ao propósito de analisar os processos de custeio e precificação em contextos artesanais.

A natureza qualitativa da investigação se justifica pela ênfase na compreensão do fenômeno a partir da perspectiva das próprias artesãs, resgatando suas narrativas e práticas empíricas. Para tanto, foram utilizadas técnicas de entrevista em grupo focal, conduzida durante a oficina de precificação, com o objetivo de levantar

informações sobre o tempo de produção, os insumos utilizados e as dificuldades enfrentadas no cálculo dos preços. Esse procedimento foi complementado pela observação direta do processo produtivo e pela análise dos dados apresentados espontaneamente pelas participantes, permitindo triangular diferentes fontes de informação.

No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa incluiu:

- **Visita in loco dos estudantes à comunidade de artesãs em Aracati-CE**, possibilitando observação direta da realidade social, cultural e econômica local;
- **Visita das artesãs à universidade**, para aproximação com o espaço acadêmico e integração com o projeto de extensão;
- **Entrevista coletiva**, com caráter exploratório, voltada para a descrição do processo produtivo, insumos empregados e percepção de custos;
- **Levantamento de dados empíricos**, com base em planilhas de simulação preenchidas durante a oficina;
- **Análise técnica dos dados**, a partir dos conceitos de contabilidade de custos, precificação e gestão financeira.

O recorte temporal correspondeu ao período de março a abril de 2025, durante o qual ocorreram as oficinas práticas do Projeto Render-CE e a visita in loco à comunidade de artesãs em Aracati-CE. O recorte espacial restringe-se ao município de Aracati-CE, reconhecido como um polo da renda labirinto, onde se concentram artesãs que preservam técnicas tradicionais de bordado.

A opção metodológica pelo custeio direto e pela técnica de mark-up fundamentou-se na necessidade de oferecer instrumentos de fácil aplicação e replicabilidade pelas artesãs, considerando seu nível de escolaridade e recursos disponíveis. Ao mesmo tempo, buscou-se dialogar com referenciais normativos, como o CPC 16 (R1), para assegurar consistência acadêmica e aproximar o artesanato das boas práticas de mensuração contábil.

Portanto, a metodologia proposta não apenas orientou a coleta e análise dos dados, mas também se constituiu como uma estratégia de aprendizagem dialógica, na qual extensionistas e artesãs construíram conjuntamente o conhecimento sobre precificação, resultando em ganhos técnicos, sociais e culturais.

4 Análise e Discussão dos Resultados

4.1 Aplicação Prática da Precificação

A simulação de precificação aqui analisada foi desenvolvida a partir de uma atividade prática conduzida no âmbito da disciplina de Custos e Formação de Preços, por meio de uma oficina realizada em parceria com o Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal (NAF) e o curso de Ciências Contábeis da Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

O objeto empírico de estudo foi a produção artesanal de um pano de bandeja com dimensões de 60 cm x 60 cm, tradicionalmente confeccionado por mulheres artesãs, cujo trabalho carrega significados culturais, afetivos e econômicos. Trata-se de uma peça representativa do saber-fazer tradicional, cuja elaboração demanda tempo, habilidade técnica e dedicação minuciosa, refletindo não apenas a estética do artesanato local, mas também a identidade e a memória coletiva de uma comunidade.

Assim, a precificação adequada dessa produção não é apenas uma estratégia contábil, mas também um instrumento de reconhecimento social e de fortalecimento do trabalho artesanal enquanto atividade produtiva e cultural.

Para fundamentar a análise de custos envolvidos na produção artesanal, apresenta-se a seguir a composição detalhada dos materiais utilizados em uma unidade da peça produzida. A Tabela 1 expõe as quantidades empregadas, os preços unitários praticados no mercado e o custo correspondente de cada insumo, evidenciando a participação individual de cada material no custo total da peça.

Tabela 1: Composição detalhada dos custos dos materiais utilizados na confecção da peça artesanal

Material	Quantidade usada	Preço unitário	Custo na peça
Tecido de linho cru	0,36 m ² (60x60 cm)	R\$ 25,00/m	R\$ 6,50
Linha para torcer	100 linhas	R\$ 25,00/rolo	R\$ 6,00
Linha para encher	120 linhas	R\$ 25,00/rolo	R\$ 7,20
Etiqueta artesanal	1 unidade	—	R\$ 1,50
Saquinho + tag cultural	1 unidade	—	R\$ 3,00
Total de materiais	—	—	R\$ 24,20

Fonte: Dados da Oficina de Precificação – NAF Unifor (2025)

Precisamos adicionar 1 parágrafo nessa análise. Fazer de forma fluida:

A Tabela 1 apresenta a decomposição dos custos diretos de materiais empregados na produção de um pano de bandeja artesanal de 60x60 cm, permitindo visualizar com clareza a relevância de cada insumo na composição do custo final da peça. O custo total dos materiais, R\$ 24,20, corresponde a uma fração relativamente pequena do custo global da produção (menos de 9%, quando comparado com o custo total apurado na Tabela 2).

O tecido de linho cru, elemento estrutural da peça, foi mensurado de forma proporcional à área efetivamente utilizada (0,36 m²), evitando distorções contábeis comuns em práticas empíricas de precificação que consideram o metro inteiro adquirido. Esse procedimento, que resultou em um custo de R\$ 6,50, demonstra maturidade na aplicação do princípio da fidedignidade da informação contábil, além de alinhar-se às recomendações de Ribeiro (2021) e Martins (2022) sobre a correta apropriação de custos de materiais diretos.

As linhas de torcer e encher, com custos unitários de R\$ 6,00 e R\$ 7,20 respectivamente, somam R\$ 13,20, representando mais de 54% do custo de materiais. Esse dado é revelador, pois evidencia que, embora a matéria-prima têxtil seja essencial, os insumos de acabamento e execução possuem peso proporcionalmente maior no custo direto. Isso reforça o caráter artesanal da produção: a estética e a qualidade final dependem da abundância e da qualidade desses insumos, o que impacta diretamente na percepção de valor pelo consumidor.

Além disso, observa-se a inclusão de custos acessórios relacionados ao posicionamento mercadológico e à valorização cultural da peça: etiqueta artesanal (R\$ 1,50) e saquinho com tag cultural (R\$ 3,00). Esses elementos, que juntos representam 18,6% do custo dos materiais, revelam uma estratégia de diferenciação que ultrapassa o aspecto funcional da peça. Trata-se de uma decisão de gestão que incorpora a dimensão simbólica e cultural ao produto, atendendo às recomendações

do Sebrae (2023) sobre a importância de agregar valor percebido ao artesanato para competir em mercados mais exigentes.

Além desses aspectos técnicos, é importante destacar que a decomposição apresentada na Tabela 1 também possui um caráter formativo, pois auxilia as artesãs a desenvolverem uma nova percepção sobre o valor de seus produtos. Muitas vezes, o custo de materiais aparentemente pequenos, como linhas e etiquetas, era desconsiderado no cálculo empírico do preço de venda. Ao tornarem-se visíveis e quantificados, esses gastos deixam de ser vistos como “detalhes irrelevantes” e passam a ser reconhecidos como investimentos necessários para garantir qualidade, identidade e competitividade no mercado. Essa mudança de mentalidade amplia o senso de gestão e contribui para que as artesãs se reconheçam não apenas como produtoras manuais, mas também como empreendedoras conscientes de seus processos e resultados.

A análise comparativa dos itens demonstra que, ainda que o custo monetário dos materiais seja baixo em relação à mão de obra, sua correta mensuração e valorização é crucial para evitar perdas financeiras. Em contextos de microempreendimentos artesanais, qualquer subavaliação de insumos pode comprometer a margem de lucro e gerar uma percepção equivocada do real custo de produção.

Assim, a Tabela 1 não apenas discrimina gastos, mas também cumpre função pedagógica e estratégica:

- **Pedagógica**, ao ensinar às artesãs como decompor e calcular proporcionalmente os insumos empregados;
- **Estratégica**, ao evidenciar que decisões sobre qualidade de materiais, estética de apresentação e valorização cultural impactam o preço final e o posicionamento competitivo do produto.

Portanto, a análise da Tabela 1 reforça a necessidade de integrar técnicas de custeio ao processo de gestão artesanal, garantindo não apenas a recuperação dos gastos, mas também a valorização simbólica do produto, que se traduz em diferencial competitivo e em fortalecimento da autonomia econômica das artesãs.

O objetivo da simulação foi estabelecer um preço de venda justo e economicamente viável, a partir da identificação detalhada dos custos diretos e indiretos, da valorização do tempo produtivo e da aplicação de uma margem de lucro compatível com a sustentabilidade do empreendimento artesanal. O processo seguiu a lógica do custeio direto aliado à técnica de mark-up sobre o custo total, uma prática amplamente difundida entre pequenos produtores.

A simulação incorporou elementos qualitativos essenciais, tais como a percepção de valor atribuída pelo consumidor, o posicionamento competitivo no mercado e as especificidades inerentes ao produto artesanal, caracterizado pelo elevado grau de personalização e exclusividade. Uma abordagem que visou integrar a cobertura total dos custos, a adequada remuneração do trabalho manual, o esforço, a habilidade técnica e a criatividade envolvidos no processo produtivo.

Assim, o preço final estabelecido reflete não apenas os aspectos quantitativos relacionados à estrutura de custos, mas também a valorização do processo produtivo artesanal, criando condições para a perenidade do negócio e promovendo a

fidelização do consumidor por meio da oferta de um produto que alia qualidade, autenticidade e equidade no preço.

Com base nos dados levantados durante a Oficina de Precificação promovida pelo NAF/UNIFOR (2025), foi possível estruturar a formação do preço de venda do pano de bandeja artesanal considerando os principais componentes que influenciam seu valor de mercado. A Tabela 1 sintetiza os elementos essenciais para a definição de um preço justo, partindo dos custos diretos com materiais e do tempo dedicado à produção, até a inclusão das despesas fixas proporcionais e da margem de lucro desejada.

Tabela 2 – Estrutura de precificação do pano de bandeja artesanal (60x60 cm)

Descrição	Valor
Materiais diretos	R\$ 24,20
Tempo de produção	R\$ 189,60
Despesas fixas	R\$ 60,00
Subtotal (Custo Total)	R\$ 273,80
Lucro (30%)	R\$ 82,14
Preço base	R\$ 355,94

Fonte: Dados da Oficina de Precificação – NAF Unifor (2025)

A Tabela 2 representa o ponto central da simulação, pois traduz numericamente a lógica de formação do preço a partir dos custos incorridos e da margem de lucro projetada.

Primeiramente, observa-se que os materiais diretos totalizam R\$ 24,20, correspondendo a apenas 8,8% do custo total. Esse dado evidencia que, ao contrário da indústria de base fabril, a precificação no artesanato não é guiada pelos insumos, mas sim pelo trabalho humano. A mão de obra direta assume papel determinante: são 30 horas de produção, avaliadas em R\$ 6,32 por hora, resultando em R\$ 189,60, ou 69,2% do custo total. Esse percentual confirma o caráter intensivo do trabalho artesanal, reforçando a necessidade de uma precificação que valorize o saber-fazer, a técnica e o tempo de execução.

As despesas fixas rateadas (R\$ 60,00 por unidade) representam 21,9% do custo total, incluindo custos de apoio como energia, manutenção e insumos compartilhados. Esse valor, embora aparentemente elevado, é coerente com a baixa escala de produção (cinco peças mensais), o que amplia o peso proporcional dos custos fixos unitários. A literatura contábil confirma que esse rateio é necessário para garantir a fidedignidade das informações (PADOVEZE, 2020; MARTINS, 2022), evitando que a análise de rentabilidade seja subestimada.

A aplicação de uma margem de lucro de 30% sobre o custo total (R\$ 273,80) gera R\$ 82,14 de lucro e eleva o preço final sugerido para R\$ 355,94. Esse percentual é compatível com a lógica do mark-up, amplamente utilizada em microempreendimentos por sua simplicidade operacional. Do ponto de vista estratégico, o valor final pode parecer alto em comparação a produtos industrializados, mas deve ser compreendido como a síntese de três dimensões: (i) cobertura dos custos totais, (ii) remuneração justa do trabalho artesanal e (iii) valorização simbólica e cultural do produto.

Assim, a Tabela 2 não é apenas um demonstrativo contábil, mas um instrumento pedagógico e político: pedagógico por revelar a importância da

mensuração criteriosa dos custos; político por legitimar a prática de preços que asseguram dignidade e sustentabilidade às rendeiras. Nesse sentido, ela contribui para deslocar o foco da competitividade por preço baixo para a valorização de produtos autênticos, articulando contabilidade, cultura e economia solidária

4.2 Discussão dos Resultados

A análise dos dados revela uma precificação detalhada, orientada tanto pela técnica quanto pela sensibilidade diante da realidade do fazer artesanal. A começar pelos materiais diretos, a simulação identifica de maneira precisa os insumos utilizados, com destaque para o cálculo proporcional do tecido de linho cru. O método aplicado considera a área efetivamente utilizada ($0,36 \text{ m}^2$) sobre a metragem comercial padrão ($1,40 \text{ m}^2$), resultando em um custo de R\$ 6,50.

Esse critério demonstra maturidade na mensuração de custos, ao evitar generalizações e desperdícios contábeis comuns em precificações empíricas. No que se refere ao tempo de produção, o levantamento estimou 30 horas para a confecção de uma única peça, com base em um ritmo de 6 horas diárias por cinco dias. A valorização do tempo de trabalho foi definida em R\$ 6,32 por hora, totalizando R\$ 189,60.

Esse montante representa aproximadamente 69% do custo total da peça, revelando o peso significativo da mão de obra artesanal na composição do preço final. Diferentemente da lógica fabril, na qual o custo unitário tende a diminuir com a escala, o trabalho manual exige tempo, técnica e dedicação individual, fatores que precisam ser refletidos no valor percebido do produto.

Além disso, o modelo contempla as despesas fixas proporcionais, com um rateio baseado em uma produção mensal estimada de cinco unidades. O valor de R\$ 60,00 por unidade é coerente com a necessidade de cobrir custos como energia elétrica, internet, manutenção de equipamentos, entre outros, ainda que não estejam diretamente incorporados ao processo produtivo de cada peça.

Conforme defendido por Padoveze (2020), a correta alocação das despesas fixas é essencial para garantir a fidedignidade da informação contábil e a saúde financeira do negócio. A margem de lucro, definida em 30% sobre o custo total, representa uma tentativa de assegurar não apenas a viabilidade econômica do produto, mas também o reconhecimento financeiro da criadora.

O lucro obtido (R\$ 82,14) é adicionado ao custo total, resultando em um preço final sugerido de R\$ 355,94. Essa lógica se alinha à prática do mark-up sobre custos, defendida por autores como Martins (2022), que consideram a aplicação de percentuais fixos sobre a estrutura de custos como uma alternativa acessível e eficiente para empreendedores individuais.

Embora o valor final possa parecer elevado em comparação com produtos similares industrializados, é fundamental compreender que o pano de bandeja artesanal carrega valores intangíveis que não podem ser mensurados apenas pelo viés mercadológico. Trata-se de um produto que incorpora identidade cultural, saberes tradicionais e uma narrativa de resistência produtiva — elementos que conferem a ele uma categoria de bem simbólico, conforme refletido por Bourdieu (1983).

Além disso, a proposta está em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, especialmente o ODS 8, que promove trabalho decente e crescimento econômico, e o ODS 12, voltado ao consumo e produção responsáveis. Valorizar a cadeia produtiva artesanal por meio de uma precificação justa não apenas empodera economicamente as artesãs, como também fortalece circuitos de economia solidária e de comércio justo.

5 Conclusão e Contribuições

O presente estudo buscou analisar criticamente uma simulação de precificação artesanal aplicada à produção de um pano de bandeja, à luz dos conceitos contábeis de custos, formação de preço e gestão financeira de pequenos negócios. A experiência relatada teve como base uma oficina prática vinculada ao Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal (NAF), em parceria com o curso de Ciências Contábeis da UNIFOR, e representa uma valiosa aplicação da teoria à realidade de mulheres artesãs.

A análise demonstrou que, quando bem estruturada, a precificação artesanal pode incorporar critérios técnicos como o custeio direto, a alocação proporcional de despesas fixas e o cálculo da margem de lucro, resultando em um preço de venda que assegura não apenas a cobertura dos custos, mas também a valorização do tempo e da criatividade empregados na produção.

Esse tipo de prática contribui ainda para o fortalecimento da autonomia financeira das artesãs, reduzindo a dependência de intermediários comerciais e promovendo maior controle sobre os próprios processos de produção e comercialização.

O caso analisado mostrou que o maior componente do custo está no tempo de trabalho (30 horas por peça), o que evidencia o caráter intensivo e individualizado do artesanato, diferenciando-o da produção em escala e justificando um preço mais elevado. Além dos aspectos contábeis, a simulação contribui para ampliar a visão crítica sobre o papel da precificação na valorização do trabalho feminino e na geração de renda em contextos de economia solidária.

A visita in loco à comunidade de artesãs em Aracati-CE conferiu ao projeto um caráter ainda mais humano e transformador, ao permitir que estudantes vivenciassem diretamente as condições de produção, os desafios e as histórias de vida das rendeiras. O encontro entre sala de aula e realidade social reafirmou que a extensão não é apenas uma estratégia acadêmica, mas uma experiência de vida, capaz de despertar empatia, ressignificar conhecimentos e gerar impactos emocionais duradouros tanto para artesãs quanto para alunos. Assim como em outros relatos do NAF/Unifor, o RenderCE mostrou-se um projeto que vai além da técnica: é ponte de sonhos, cidadania e transformação social.

A adoção de estratégias de precificação baseadas em dados reais também fortalece o reconhecimento do artesanato como atividade econômica estruturada, e não apenas como manifestação cultural ou ocupação informal. Ao incorporar princípios como justiça financeira, sustentabilidade e identidade cultural, o exercício ultrapassa a lógica puramente mercadológica e passa a integrar-se a movimentos de desenvolvimento humano e comunitário.

Tais elementos contribuem para a construção de uma economia mais plural, onde o valor simbólico dos produtos é respeitado, e os saberes tradicionais são

transmitidos entre gerações, reforçando o tecido social local. Dessa forma, conclui-se que a prática de precificação artesanal, quando orientada por fundamentos técnicos e sensibilidade social, torna-se uma poderosa ferramenta de empoderamento.

No contexto da formação acadêmica, a experiência contribui significativamente para o desenvolvimento de competências profissionais dos estudantes de Ciências Contábeis, ao conectá-los com realidades socioeconômicas diversas, promovendo não apenas o domínio técnico, mas também o compromisso ético com a transformação social.

Além disso, estimula a atuação extensionista dos cursos de graduação, aproximando o saber universitário das necessidades concretas da sociedade. Essa aproximação fortalece o papel social da universidade, ao incentivar práticas pedagógicas voltadas à inclusão produtiva, à economia solidária e à valorização de saberes tradicionais, promovendo uma formação acadêmica mais crítica, cidadã e conectada aos desafios do território em que está inserida.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1983.

CFC – Conselho Federal de Contabilidade. *CPC 16 (R1) – Estoques: Pronunciamento Técnico*. Brasília: CFC, 2021. Disponível em: <https://www.cpc.org.br>. Acesso em: 30 jul. 2025.

CRC-CE – Conselho Regional de Contabilidade do Ceará. *Cartilha de Contabilidade para Micro e Pequenas Empresas*. Fortaleza: CRC-CE, 2008.

HOWKINS, John. *A economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas*. São Paulo: M. Books, 2013.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. *Contabilidade introdutória*. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARION, José Carlos. *Contabilidade empresarial*. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MARTINS, Eliseu. *Contabilidade de custos*. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MORAIS, Fernanda dos Santos et al. *Gênero e economia criativa: a contribuição das mulheres para o desenvolvimento sustentável*. Boa Vista: UFRR, 2024.

ONU – Organização das Nações Unidas. *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 30 jul. 2025.

PADOVEZE, Clóvis Luís. *Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

PORTO SOCIAL. *Economia Criativa e Desenvolvimento Local*. Recife: Porto Social, 2024. Disponível em: <https://portosocial.org>. Acesso em: 30 jul. 2025.

RIBEIRO, Osni Moura. *Contabilidade de custos para micro e pequenas empresas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

SEBRAE. *Gestão financeira para artesãos: precificação e sustentabilidade*. Brasília: 2021

SEBRAE, 2023. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SEBRAE. *Mulheres na economia criativa*. Brasília: SEBRAE, 2025. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2025.

UNIFOR. *Oficina de Precificação Artesanal: Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal – NAF*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2025. (Material interno não publicado).

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em administração*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

